

EDITORIAL

por Raquel Abecasis

**Uma VIDA em movimento,
um coração que não pára**

Estamos a chegar ao fim de mais um ano, o 24º da VIDA, que alcança agora uma maturidade que se nota nas obras.

Esta Newsletter tem vindo, trimestre a trimestre a testemunhar o trabalho quotidiano em Lisboa, na Guiné e em Moçambique de uma equipa focada no trabalho com as comunidades.

Em Matutuíne a escola profissional de Djabula, vai abrir novas oportunidades às crianças e jovens do distrito onde até aqui poucas alternativas restavam depois de acabado o ensino primário.

Em Cacheu começam a ver-se os frutos de um trabalho com as comunidades e com os técnicos agrícolas, no desenvolvimento de processos que permitem melhorar as culturas e assim trazer mais riqueza para a região.

Estes foram também os dias em que a VIDA foi partilhar com os Países da África Ocidental a experiência das mutualidades, uma experiência única que está a permitir a assistência em saúde a muitas pessoas de Susana e Varela.

Estas são histórias de um coração que não pára e de que também nesta Newsletter dão testemunho dois jornalistas, a Paula Borges (RDP) e o João Cunha (RR), que foram ao terreno conhecer a nossa VIDA. Os seus trabalhos que brevemente poderá também ver no nosso site www.vida.org.pt são o nosso melhor cartão-de-visita.

Um Santo Natal e um 2017 cheio de VIDA!


2016 © Fernando Mendes

Por Olálio Trindade

Técnico VIDA

A minha participação no VI Encontro Anual do Comité Consultivo de Mutualidade Social da UEMOA

O VI Encontro Anual do Comité Consultivo de Mutualidade Social da União Económica e Monetária da África Ocidental (UEMOA) foi realizado em Niamey, capital de Níger, de 19 a 21 de Outubro de 2016, tendo como objectivo a:

- Continuar o acompanhamento e apoio a medidas para o estabelecimento e funcionamento dos órgãos administrativos;
- Acelerar o desenvolvimento das mutualidades de software de rastreamento para o uso de órgãos de administração;
- Continuar a facilitar o estabelecimento de órgãos de administração em países que ainda não se concretizaram;
- Continuar o acompanhamento e apoio medidas para a criação e funcionamento de Fundo Nacional de Garantia (FNG) (missão, o tipo de riscos cobertos, procedimentos operacionais gerais);
- Facilitar a ligação entre os instrumentos dos regulamentos e de Cobertura Universal de Saúde (CMU);
- Facilitar a mobilização dos recursos pelos Estados-Membros;
- Dar uma diretiva para facilitar a participação de organizações mútuas na Cobertura Universal de Saúde (CMU) para aqueles na economia informal.

A minha participação neste encontro vem no quadro das mutualidades de saúde de Suzana e Varela que foi implementado pela ONG VIDA na Guiné-Bissau desde 2013.

Nos encontros anteriores do Comité Consultivo da Mutualidade Social da UEMOA o país não tinha



representante dos mutualistas nesses encontros, só representava o ministério da saúde, mas a mutualidade de Suzana e Varela fez com que o país tenha um representante dos mutualistas de saúde na 6ª reunião de Comité Consultivo da Mutualidade Social de UEMOA.

Nesta reunião, a Guiné-Bissau pela primeira vez tem a oportunidade de apresentar os dados dos mutualistas existentes no país, uma situação surpreendente pelos outros países, porque nunca este órgão teve o conhecimento da existência da mutualidade na Guiné-Bissau. Através desse trabalho feito nas tabancas de Suzana e Varela foi decidido que eu faço parte como membro efectivo desta comissão; os encontros anuais são rotativos e em 2017 será realizado em Dakar (Senegal).

A importância da mutualidade de saúde no contexto da Guiné-Bissau

Sem grandes comentários, a Guiné-Bissau é um país subdesenvolvido, que não possui recursos para a cobertura mínima das necessidades de saúde. Por isso, a mutualidade no nosso contexto é o sistema mais eficaz para toda a nação, especialmente nas comunidades mais isoladas, onde as pessoas não têm recursos financeiros para saúde e, aí, entra exatamente o princípio da solidariedade que é o verdadeiro fundamento da mutualidade. •

Por Eng^a Leonor Vieira da Silva

Diretora Regional de Agricultura de Cacheu

“Kópóti pa cudji nô futuro”

Uma parceria com a Direcção Regional de Agricultura de Cacheu

Dada a necessidade de implementar o desenvolvimento agrário nas comunidades, o governo através do Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural adoptou a política da carta agrária, dando liberdade a todos os organismos não governamentais (ONG) com vocação no domínio agrário para aumentar a produtividade e garantir a segurança alimentar e nutricional nas comunidades.

Foi neste âmbito que assinamos, ou seja, aceitamos a parceria com a ONG VIDA no projecto "Kopóti pa cudji nô futuro" que está a ser implementado na vila de Suzana, no sector de São Domingos; e que está dando muito êxito, ou seja, tem um grande impacto para a comunidade de Suzana. O nosso agradecimento imenso ao coordenador Pedro Santos com esta iniciativa de aumentar a diversificação da produção para a comunidade da Suzana; esperamos que o projecto não fique por ali e que seja alargado para outras aldeias vizinhas.

Enquanto o Curso Avançado sobre nova tecnologia, muito importante para nós, técnicos da Direcção Regional da Agricultura de Cacheu, nos fez conhecer a nova tecnologia que está a ser implementada hoje em dia em Portugal; a formação foi no domínio da horticultura, fertilização e estatística agrícola.

Mais uma vez agradecemos e pedimos o aumento de mais ano do projecto que é muito importante para os técnicos, assim como para as comunidades, e também o seu alargamento para as outras zonas da região de Cacheu.

Obrigada e continuação de um bom trabalho e boa colaboração! Estamos de braços abertos.



I Curso Avançado, em parceria com a Escola Superior Agrária de Ponte de Lima, Setembro 2015



II Curso Avançado, em parceria com a Escola Superior Agrária de Ponte de Lima, Setembro 2015

Por Filipa Zacarias

Coordenadora de projetos em Moçambique

Vamos abrir a Escola Profissional de Djabula!



Após um processo de 2 anos a VIDA viu finalmente concluído o processo de candidatura da Escola Profissional de Djabula (EPD) com a publicação dos seus alvarás de criação e funcionamento. A EPD qualifica-se como Instituto Básico técnico-profissional, recebendo alunos com a 7ª classe completa e oferecendo no seu curso a obtenção de um título profissional de nível 2 em Operador Agropecuário e equivalência à 10ª classe, caso o aluno pretenda prosseguir os seus estudos reingressando no Ensino Geral.

“ DA ESCASSEZ DE ESCOLAS SECUNDÁRIAS PARA O PROSSEGUIMENTO E DE PERSPECTIVAS PARA O FUTURO DOS JOVENS QUE SÓ COM A 7ª CLASSE VÊM O FUTURO EMPREGO RESUMIDO A OFERTAS PRECÁRIAS ”

Com a introdução do ensino primário universal (considerado até à 7ª classe) e da concentração de esforços para o alcance desse objectivo, a educação moçambicana ficou com o problema do pós-ensino primário: da escassez de escolas secundárias para o prosseguimento e de perspectivas para o futuro dos jovens que só com a 7ª classe vêm o futuro emprego resumido a ofertas precárias, de baixo salário e geralmente implicando o êxodo para Maputo ou vizinha África do Sul, para longe da família e da sua protecção.

AS ESCOLAS SECUNDÁRIAS DO DISTRITO DE MATUTUÍNE ABSORVEM APENAS 11% DO TOTAL DE ALUNOS QUE TERMINAM O ENSINO PRIMÁRIO

No Distrito de Matutuine existem 54 escolas primárias, absorvendo 8354 alunos mas destes apenas 917 podem prosseguir até à 12ª classe nas duas Escolas Secundárias existentes. Existe também um Instituto Médio técnico-profissional – o Instituto Agro-Industrial de Salamanga IAIS -, onde os alunos adquirem títulos profissionais de nível 3 e 4, mas para se qualificar à entrada o aluno tem que ter a 10ª classe completa ou o nível básico técnico-profissional. A EPD vem desta forma permitir, por um lado fazer a ponte para o IAIS, ou por outro, para situações de emprego qualificado.

Desde a primeira hora que a EPD teve o melhor acolhimento por parte das variadas instâncias de governação local e central bem como pelas comunidades de Djabula, Ncassane e Manheane que serão as primeiras beneficiadas pela sua abertura. Trabalhamos no momento com a Repartição de Ensino Técnico-Profissional da Secretaria Distrital de Educação no sentido reunir o quadro docente que permita a abertura já no ano lectivo de 2017. •

Por Filipa Zacarias

Coordenadora de projetos em Moçambique

A Importância da Visibilidade

No território do projecto, as imagens são a representação mais eloquente do beneficiário junto do financiador. E como financiador e beneficiário habitam contextos tão diferentes esta propriedade da imagem é de importância vital, para os projectos e ONG.

Tão vital e tão potente que podemos tomar uma imagem como real enquanto não o é; ou podemos ver uma trajectória de sucesso terminada precocemente por não se conseguir angariar a devida eloquência em torno da sua representação.

O que é importante reter é que no orçamento de um projecto, a rubrica que aprova despesas em Visibilidade (fotografias, prints, publicações) concorre com as rubricas que destinam verbas directas ao beneficiário final. Uma escolha tanto mais difícil quanto menor o projecto, fazendo os pratos da balança ponderar (no fundo) entre a ética e a sobrevivência.

Temos por isso dois grandes agradecimentos a deixar:

- Aos **Financiadores** de longa data, que conhecem e valorizam as nossas intervenções em Moçambique e na Guiné-Bissau, não a partir das fotografias que lhes temos apresentado mas da realidade no terreno.
- Aos **Amigos** que nos têm emprestado o seu talento e eloquência para que de tempos a tempos também nós possamos expressar as dimensões mais intangíveis e verdadeiras do Como e Porquê fazermos do nosso destino o destino de algumas das comunidades mais esquecidas de África e do Mundo.



Justino na Escola Básica de Ncassani, construída pela VIDA em 2006



Guarda do Centro de Desenvolvimento Comunitário de Djabula, criado em 2002 pela VIDA, regressa ao seu lugar no final do dia



Mulher moçambicana em campo lavrado pelo trator da UAAMAT

.....
Fotografias captadas e cedidas por Fernando Mendes
Moçambique, Outubro 2016
.....

Por Paula Borges

Jornalista RDP África



Cristina com a bebé Clistina no Centro de Saúde de Varela lalo

Cristina e a sua filha Clistina, a bebé de um mês que esta mulher tem ao colo, são parte de uma história de pequenas grandes conquistas que se faz num país de longas esperas e cíclicas desilusões. Conheço Cristina no alpendre do centro de Saúde de Varela lalo, uma tabanka isolada no norte da Guiné-Bissau. Cristina deu à luz numa casa gerida por uma associação de mulheres. Mulheres felupes como ela, que passaram a ter os partos nas Casas das Mães, com acompanhamento especializado e no respeito pela tradição da sua etnia. Longe dos olhares dos homens da comunidade. Elas é que mandam. É sagrado, afirmam com convicção: *Omi ka entra!* Há outras duas estruturas como esta, uma em Suzana e outra em S. Domingos, construídas com a ajuda da ONG VIDA e o apoio de parceiros.

No final de setembro, quando visitamos, em reportagem para a RDP-África esta zona, os cerca de 200 kms que separam a tabanka de Varela da capital da Guiné-Bissau são muito mais do que isso. Na picada tornada mole pelas fortes chuvas, chegar aqui é um exercício de resistência dos veículos e de quem neles segue. Uma das velhas camionetas que fazem este percurso ficou atolada na lama. Neste cenário, qualquer evacuação médica é um quebra-cabeças, agravado ainda pela escassez de meios. Arranjar uma ambulância, garantir que o condutor está disponível e que o depósito está cheio ainda pode ser a diferença entre viver e morrer.

Como testemunhei, uma mulher grávida, mesmo com barrigão de 9 meses, caminha 5 kms ou mais para chegar ao centro de saúde. Percebe-se a absoluta urgência em apostar nos cuidados primários, na proximidade com os profissionais de saúde e na prevenção.

Desde 2010, a VIDA tem operacionalizado no terreno um projecto da UNICEF de revitalização da Saúde Comunitária. Já formou mais de 700 agentes para promoção de 16 práticas familiares essenciais e acompanhamento na saúde materno-infantil. São homens e mulheres respeitados nas suas tabankas que assumem o compromisso de visitar periodicamente cinquenta agregados. É uma actividade supervisionada e monitorizada mensalmente numa reunião de coordenação onde são apresentados os relatórios, traçados planos de trabalho, revistas matérias, actualizadas as informações e pagos os incentivos. Estas pequenas verbas reconhecem o empenho mas os agentes de saúde comunitária asseguram-nos que não é por isso que participam. Falam das mortes evitadas e da importância de sensibilizar para melhores hábitos de vida.

~ Continuação na próxima página ~

Por Paula Borges

Jornalista RDP África

Faço as contas, enquanto percorremos as terras de bolanhas verdes, e penso no potencial multiplicador destes Agentes de Saúde Comunitária (ASC) que são ainda sobretudo homens. Começa nas próprias famílias, alarga-se aos parentes, aos vizinhos e às outras que acompanham. Em média, ao todo, mais de 350 pessoas cada um. A Guiné-Bissau é um dos países onde as mulheres mais morrem no parto. Na área sanitária de Cacheu, a que pertencem as tabankas por onde andámos, as taxas têm vindo a descer.

É fruto, certamente, deste trabalho e de uma alteração de comportamentos que se faz devagar mas também das melhorias introduzidas nos centros de saúde, ao longo das últimas décadas, num trabalho articulado com a Direcção Regional e o Ministério da Saúde e de que o Centro Materno-Infantil de S. Domingos é um exemplo, em projectos financiados por um ou vários parceiros. Casos da UNICEF, da União Europeia, da Cooperação Portuguesa, da Fundação Calouste Gulbenkian.

O Sistema de Mutualidades de Saúde, uma espécie de seguro através do qual as famílias pagam, todos os meses, uma quantia para garantir assistência e medicamentos quando precisam, também está a avançar. Com resistências mas com firmeza. Em todos os projectos, os homens e mulheres guineenses são actores do seu presente e do seu futuro e na equipa, curta mas muito dedicada e profissional da VIDA, encontram parceiros que os respeitam e envolvem.

E agora, nesta aventura de um novo projecto de saúde comunitária em Bissau, com mais de mil ASC, que desafios e surpresas surgirão?*



A jornalista Paula Borges e o dinamizador comunitário Carlos Ambona entrevistam uma utente dos Centros de Saúde



Casa das Mães de Suzana



Por João Cunha

Jornalista Rádio Renascença

Este ano, em Julho, regresssei à Guiné-Bissau. Dezoito anos depois de ter feito a cobertura de um dos episódios conturbados da história daquele país: um golpe de estado liderado por Ansumane Mané. Desta vez foi para dar a conhecer o trabalho da Associação VIDA – Voluntariado Internacional para o Desenvolvimento Africano. E o que me saltou logo à vista foi a forma como esta ONG trabalha no terreno.

“ NÃO IMPÕEM NADA. NÃO CHEGAM A UMA TABANCA PERDIDA NO MEIO DO MATO PARA IMPOR AOS HABITANTES UM QUALQUER PROJETO PENSADO ATRÁS DE UMA SECRETÁRIA EM BISSAU. ”

Não fazem o voluntariado “toca e foge”, que sei existir. Como aquele que se resume a deixar à porta de um centro de saúde em Jufunco uma moto-ambulância, de caixa fechada para transporte de doentes. De rotativo vermelho no topo e tudo. Quem ali a deixou não faz a mínima ideia que as estradas de acesso a Jufunco são difíceis, mais do que as tradicionais “quebra-molas”. Não faz a mínima ideia que, se porventura fosse necessário proceder ao transporte de um doente para o hospital mais próximo, não seria certamente através daquela motoreta, mais parecida com um “tuk-tuk”. E assim sendo, ela, a moto-ambulância, lá continua, parada à porta desse centro de saúde, de onde creio nunca ter saído.

“Não lhe dê o peixe, ensina-o a pescar” é um conhecido provérbio chinês que, creio, pode resumir o trabalho feito pela VIDA. É em conjunto com a população alvo do seu trabalho que decidem o que é premente, o que faz falta, o que pode ser melhorado, sempre a pensar no bem da comunidade. E foi a partir daí que nasceram projectos na área da agricultura e da saúde materno infantil, o projecto das mutualidades e o dos furos de água.




Numa região onde predomina a etnia felupe, com as suas tradições e crenças, não foi certamente fácil ajudar, por exemplo, a melhor produzir tomate ou arroz.

Não foi fácil conseguir que os régulos de determinadas tabancas aceitassem que as mulheres grávidas deviam ter os filhos em condições de saúde mínimas, e não nas casas tradicionais criadas para o efeito. Não terá sido também simples implementar um seguro de saúde comunitário, nem fazer assentar a mensagem de que, mesmo quem não está doente tem de contribuir: um dia poderão ser eles a precisar. E se não forem eles, será um vizinho ou um conhecido.


Certo é que conseguiram. A favor da VIDA está o facto de estarem na Guiné-Bissau há mais de 20 anos. “São quase da família”, como me dizia Paula Sambu, uma líder das mulheres de Suzana, quando questionada - a meio de uma aula de produção de pickles, ministrada na Missão Católica de Suzana - sobre a forma como encaram a presença, por exemplo, do Pedro, do Ambona, do Olálio, da Patrícia ou do Edson. E tive o privilégio de poder constatar, nas manhãs de trabalho em Suzana, Varela, Jufunco e até na distante Bulul que, de facto, é como se de família se tratasse.

Eu sei. Costuma dizer-se que família não se escolhe. Ainda bem para quem, na região noroeste da Guiné-Bissau, olha para a Associação VIDA como se de família se tratasse. •




 Iniciou, em Outubro, a formação e organização dos Supervisores Operacionais de Terreno (SOT) que são responsáveis pelo recrutamento e monitorização dos cerca de 1100 Agentes de Saúde Comunitária distribuídos por todas as famílias dos bairros de Bissau. O projeto “Estratégia para a aceleração da redução da mortalidade materna, neonatal e infantojuvenil na Guiné-Bissau - Setor Autónomo de Bissau” iniciou a Janeiro deste ano, financiado pela UNICEF, Camões I.P., e Fundação Calouste Gulbenkian.




 Dia 20 de Outubro, a VIDA participou no I Colóquio Nacional de Horticultura Social e Terapêutica, no Estoril, apresentando a “Horticultura no Desenvolvimento Social no Norte da Guiné-Bissau” no âmbito do projeto “Kópóti pa cudji nô futuro” (financiado pelo Camões I.P., e União Europeia).



 A Feira das Sementes, organizada no âmbito do projeto “Machambeiros de Matutuine”, decorreu a 28 de Outubro, em Tinonganine, Moçambique. É uma oportunidade para as comunidades rurais adquirirem sementes e equipamentos agrícolas para o cultivo e trabalho nas suas machambas. A cada membro das associações de camponeses pertencentes à UAAMAT é atribuído um voucher que lhe permite comprar os fatores de produção necessários, tendo apenas de pagar 10% do seu valor!



 Dia 19 de Novembro, realizou-se em Copenhaga um evento de angariação de fundos, que permitirá ajudar na reabilitação do Centro de Saúde de Jalmete, na região de Cacheu (Guiné-Bissau). Um agradecimento especial à *Portvinsbaren*, organizadora do evento, ao Embaixador Português na Dinamarca, e às casas de Vinho do Porto que gentilmente doaram alguns dos seus produtos!